

**Universidade de Brasília – UnB**  
**Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução**  
**Curso de Letras Japonês**

**SANDY SILVA FERREIRA LEMOS**

**ANÁLISE DA INTERLÍNGUA DE ALUNOS BRASILEIROS DO CURSO DE  
LETRAS-JAPONÊS, NO USO DESVIANTE DAS PARTÍCULAS WA E GA**

Brasília  
2022

SANDY SILVA FERREIRA LEMOS

**ANÁLISE DA INTERLÍNGUA DE ALUNOS BRASILEIROS DO CURSO DE LETRAS-JAPONÊS, NO USO DESVIANTE DAS PARTÍCULAS WA E GA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília (UnB) como pré-requisito para obtenção do título de licenciada em Letras pelo curso de Letras – Língua e Literatura Japonesa.

Orientador: Prof. Dr. Yûki Mukai

Brasília  
2022

SANDY SILVA FERREIRA LEMOS

**ANÁLISE DA INTERLÍNGUA DE ALUNOS BRASILEIROS DO CURSO DE LETRAS-JAPONÊS, NO USO DESVIANTE DAS PARTÍCULAS WA E GA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília (UnB) como pré-requisito para obtenção do título de licenciada em Letras pelo curso de Letras – Língua e Literatura Japonesa.

Orientador: Prof. Dr. Yûki Mukai

Aprovado em 06 de maio de 2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Yûki Mukai – Universidade de Brasília

---

Examinadora: Profa. Dra. Alice Tamie Joko – Universidade de Brasília

---

Examinador: Prof. Dr. Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka – Universidade de Brasília

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Dalmi e Sandra, e minha irmã Gabriela, que me deram todo apoio durante essa trajetória, mesmo sendo uma área de estudos um pouco incomum.

Ao meu marido Matheus que desde 2015 esteve presente na minha vida e tanto nos meus dias bons como nos dias difíceis. Que me apresentou a várias coisas novas e que sempre me motivou a seguir meus sonhos e continuar estudando o que gosto.

Aos meus amigos que fizeram com que toda essa trajetória fosse ainda mais especial.

Aos professores Daniel Machado e Geanne Morato do Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Sobradinho, onde pude aprender muito sobre a língua japonesa e me fizeram perceber como é incrível poder ensinar outras pessoas. Foram anos de estudo em que aproveitei muito e que fizeram eu me apaixonar pelo ensino de línguas.

Ao meu professor-orientador Yûki Mukai que aceitou a minha proposta de pesquisa mesmo ainda estando no quinto semestre, onde começando trabalhando conceitos e funções para que em 2022 pudéssemos começar nossa pesquisa.

A todos os participantes que puderam colaborar com minha pesquisa.

E por fim, gostaria de agradecer a todos os professores e professoras do curso que me ensinaram durante esses anos, e que me transmitiram com empenho o conhecimento sobre a língua, literatura e cultura japonesa.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar desacertos cometidos por aprendizes brasileiros de língua japonesa no emprego de partículas *wa* e *ga* observando as percepções dos participantes a respeito das funções e sentidos das partículas em questão. O interesse no presente tema surgiu de forma intrínseca no decorrer do curso de graduação em Letras Japonês na Universidade de Brasília (UnB), onde pode ser observado que vários alunos do curso possuíam dificuldade no uso das partículas em questão. Para o desenvolvimento deste foram utilizados os conceitos de Corder (1967) sobre análise de erros, juntamente com pontos explorados por Francisco Quaresma (2015); os conceitos de interlíngua e fossilização apresentado por Selinker (1972); funções e usos das partículas *wa* e *ga* baseadas nos trabalhos de Mukai (2009, 2014) e Shirai (1986). A metodologia deste trabalho se trata de uma pesquisa de método qualitativo, especificadamente, de um estudo de caso descritivo-explicativo (PAIVA, 2019). Os instrumentos de coleta de dados que foram utilizados são: teste de preenchimento de partículas, questionário aberto e entrevista semiestruturada com grupo focal. Segundo os resultados, foi possível observar que os participantes têm dificuldade a respeito das seguintes funções: função de limitação/sentido negativo da partícula *wa*; função de tópico com função anafórica/retomada de assunto da partícula *wa*; função de *genshōbun*/estado temporário da partícula *ga*; e função de introdução de assunto da partícula *ga*, foi possível notar que a língua materna dos participantes pode, em alguma parte, ter relação com o uso desviante das partículas *wa* e *ga*.

**Palavras-chave:** Interlíngua. Fossilização. Língua japonesa. Partícula *wa*. Partícula *ga*.

## ABSTRACT

The present work aims to analyze mistakes made by Brazilian learners of Japanese language in the use of *wa* and *ga* particles, observing the participant's perceptions regarding the functions and meanings of the particles in question. The interest in the following theme emerged intrinsically during the course of graduation in Japanese Languages at the University of Brasília (UnB), where it can be observed that several students of the course had difficulty in using the particles in question. For the development of this research, the concepts of Corder (1967) on error analysis were used, together with points explored by Francisco Quaresma (2015); the concepts of interlanguage and fossilization presented by Selinker (1972); functions and uses of *wa* and *ga* particles based on the work of Mukai (2009, 2014) and Shirai (1986). The methodology of this work is a qualitative research method, specifically, a descriptive-explanatory case study (PAIVA, 2019). The data collection instruments that were used are: particle filling test, open questionnaire and semi-structured interview with focus group. According to the results, it was possible to observe that the participants have difficulties regarding the following functions: limitation function/negative sense of the *wa* particle; topic function with anaphoric function/subject resume function of the *wa* particle; *genshōbun* function/temporary state of the *ga* particle; and subject introduction function of the *ga* particle, it was possible to notice that the mother tongue of the participants may, in some part, be related to the deviant use of the particles *wa* and *ga*.

**Keywords:** Interlanguage. Fossilization. Japanese language. Particle *wa*. Particle *ga*.

## LISTA DE SIGLAS

SVO – Sujeito, Verbo, Objeto

SOV – Sujeito, Objeto, Verbo

LE – Língua estrangeira

L1 – Língua materna

L2 – Língua-alvo

ES – Entrevista semiestruturada

QA – Questionário aberto

TPP – Teste de preenchimento de partículas

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
1.1	OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS	2
1.2	PERGUNTAS DE PESQUISA	2
1.3	ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	2
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>4</b>
2.1	LÍNGUA JAPONESA	4
2.2	PARTÍCULAS WA E GA	5
2.3	ANÁLISE DE ERROS	10
2.4	INTERLÍNGUA	13
2.4.1	FOSSILIZAÇÃO	16
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>19</b>
3.1	MÉTODOS E NATUREZA DA PESQUISA	19
3.2	CONTEXTO DE PESQUISA	19
3.3	PARTICIPANTES	20
3.4	INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS	21
3.4.1	TESTE DE PREENCHIMENTO DE PARTÍCULAS	22
3.4.2	QUESTIONÁRIO ABERTO	24
3.4.3	ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM GRUPO FOCAL	25
3.5	PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS	25
3.6	PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS	26
3.7	CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	27
<b>4</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b>	<b>28</b>
4.1	USOS DESVIANTES DE WA E GA	28
4.1.1	NO NÍVEL DE FRASE	28
4.1.2	NO NÍVEL DE DISCURSO	30
4.2	PERCEPÇÕES A RESPEITO DAS FUNÇÕES E SENTIDOS DE WA E GA	33
4.3	PERCEPÇÕES SOBRE WA	34
4.4	PERCEPÇÕES SOBRE GA	35
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>37</b>
5.1	RETOMADA PERGUNTAS DE PESQUISA	37
5.2	LIMITAÇÕES DESTA PESQUISA	38
5.3	SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS	39
	REFERÊNCIAS	40

<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO/ FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO .....</b>	<b>42</b>
<b>APÊNDICE B – TESTE DE PREENCHIMENTO DE PARTÍCULAS.....</b>	<b>45</b>
<b>APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO ABERTO .....</b>	<b>48</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino da língua japonesa em um curso superior no Brasil é consideravelmente recente. A primeira universidade a trabalhar com o curso de licenciatura em língua japonesa foi a Universidade de São Paulo (USP), em 1963, e sendo também uma das primeiras a estabelecer um curso de pós-graduação na área, em 1996.<sup>1</sup>

No âmbito do ensino de japonês, percebemos algumas dificuldades que os alunos apresentam no decorrer do curso, principalmente quando se trata do uso de partículas, talvez pelas diferenças entre o português e o japonês, principalmente em sua estrutura.

O interesse no presente tema surgiu de forma intrínseca no decorrer de meu curso de graduação em Letras Japonês na Universidade de Brasília (UnB), que iniciei no ano de 2017.

Durante meus anos estudando na UnB, pude perceber que, tanto eu quanto meus colegas de classe, acabávamos tendo muita dificuldade no uso de partículas, principalmente partículas como *wa* e *ga*. No início não era um problema tão grande, já que não utilizamos tantas situações de uso, mas sim usos estáticos, trabalhando apenas construções simples como: *ringo wa akai desu* (maçãs são vermelhas). Porém, com o decorrer dos semestres, mais usos eram aplicados nas partículas, o que, aparentemente, acabava confundindo os alunos em algumas situações.

Percebendo essa dificuldade, imaginei se os desacertos dos alunos poderiam ter relação com alguma tentativa de os alunos traduzirem as orações, de forma direta, escrevendo no caderno e traduzindo com tradutores virtuais, ou de forma indireta, fazendo uma tradução mental, tentando associar o conteúdo da frase em japonês com o português.

Tendo isso em mente, seguiremos para os objetivos e perguntas desta pesquisa.

---

<sup>1</sup>Segundo informações apresentadas no próprio site da universidade (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO).

## 1.1 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar desacertos cometidos por aprendizes brasileiros de língua japonesa no emprego de partículas *wa* e *ga* observando as percepções dos participantes a respeito das funções e sentidos das partículas em questão.

Objetivos específicos:

- a) analisar desacertos no emprego das partículas *wa* e *ga* no nível de frase e discurso;
- b) averiguar as percepções dos participantes a respeito das funções e sentidos que as partículas em questão desempenham.

## 1.2 PERGUNTAS DE PESQUISA

Para atingirmos com êxito os nossos objetivos, teremos estas seguintes perguntas como guia:

- a) Qual função/sentido de *wa* e *ga* no nível de frase e discurso os participantes têm mais dificuldade?
- b) Quais são as percepções dos participantes a respeito das funções e sentidos que as partículas em questão desempenham?

## 1.3 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Este trabalho foi estruturado em 5 capítulos.

No presente capítulo foi-se apresentado o tema desta pesquisa, juntamente com seus objetivos e perguntas, fazendo também uma breve introdução ao curso de Letras Japonês da Universidade de Brasília (UnB).

Ao seguir, teremos o segundo capítulo, onde apresentamos os principais conceitos que foram trabalhados no decorrer desta pesquisa. Apresentamos os usos das partículas *wa* e *ga* na língua japonesa, mostrados por Mukai (2009) e por Shirai (2019), e também salientamos alguns conceitos de análise de erros apresentados por Corder (1967) e Francisco Quaresma (2015); e por fim, apresentamos os conceitos de interlíngua e fossilização, trabalhados por Selinker (1972).

No terceiro capítulo apresentamos a metodologia utilizada neste estudo de caso. Juntamente com o contexto desta pesquisa e o perfil dos participantes. Encerrando com os instrumentos e procedimentos de pesquisa e as considerações éticas que este trabalho tem como base.

A análise e discussão dos dados foi trabalhada no capítulo quatro, apresentando os usos desviantes das partículas *wa* e *ga* que puderam ser observados nas respostas ao teste de preenchimento de partículas (TPP); concluindo-o com as percepções dos voluntários a respeito das partículas mencionadas.

No último capítulo deste trabalho as considerações finais desta pesquisa foram trabalhadas, retomando e respondendo às perguntas propostas; apresentação das limitações encontradas no decorrer da pesquisa e, por fim, serão feitas algumas sugestões para pesquisas futuras.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo trabalharemos os principais conceitos que dão sustento a esta pesquisa.

Na seção 2.1, abordaremos a língua japonesa e algumas de suas características, em sequência, na seção 2.2, trabalharemos de forma mais aprofundada as partículas *wa* e *ga*, que são o foco principal desta pesquisa.

Seguindo para a seção 2.3, vemos alguns estudos sobre análise de erros e conceitos importantes apontados por Corder (1967) e Francisco Quaresma (2015).

E por fim, na seção 2.4 trabalharemos os conceitos de interlíngua e fossilização, apresentados por Selinker (1972).

### 2.1 LÍNGUA JAPONESA

Nesta seção iremos apresentar as características da língua japonesa como um todo, partindo de, principalmente, suas diferenças com a língua portuguesa.

Diferentemente da língua portuguesa, língua pertencente à família das línguas indo-europeias, a língua japônica é uma língua conhecida por ser aglutinante e estabelece relações gramaticais por meio de relacionais, empregadas por exigência gramatical, sem valor semântico, como partículas gramaticais e auxiliares verbais (MUKAI, 2014).

Há muito se discute sobre a qual família linguística a língua japonesa é pertencente, uma das teorias apresentada pelo governo japonês é que a família japônica se encontra no tronco altaico<sup>2</sup>. Uma de suas características marcantes é a ausência da categoria de gênero para nomes e a ocorrência de complementos antecedendo o verbo.

Em línguas como o português é comum perceber uma disposição flexional, onde se segue um padrão de frase conhecido por SVO, sujeito verbo e objeto, enquanto na língua japonesa é observado um padrão de terminologia em SOV.

---

<sup>2</sup>Informação disponível no website da Embaixada do Japão, em uma seção nomeada por: *Japan Fact Sheet*, onde informações sobre: economia, governo, esportes, cultura e sociedade japonesa são atualizados desde o ano de 2004 (web-japan, 2004)./

Na produção de sentenças da língua japonesa, Mukai (2014) aponta que existe a conexão entre *palavras de conteúdo semântico* e *palavras gramaticais* (grifo do autor). Como, por exemplo:

(1) 田中がパンを食べる。

*Tanaka-ga pan-o taberu*

[Tanaka come pão.]

As palavras 田中 (*tanaka*), ‘Tanaka’; パン (*pan*), ‘pão’ e o verbo 食べる (*taberu*), ‘comer’, carregam um significado próprio, e as partículas が (*ga*) e を (*o*) aglomeram os sintagmas: 田中が (*tanaka-ga*), ‘Tanaka’ e パンを (*pan-o*), pão. As partículas terão o encargo de ditar as funções das palavras nas sentenças, como, por exemplo, a partícula を (*o*) de caso acusativo, marcando o objeto direto.

No ensino de língua japonesa como língua estrangeira (LE) é comumente observada a dificuldade que os estudantes apresentam ao se depararem com as diversas funções das partículas e com seus devidos usos. Tendo isso em mente, estudaremos o uso das partículas da língua japonesa e, também, os desacertos comumente cometidos pelos aprendizes, com enfoque nas partículas *wa* e *ga*.

## 2.2 PARTÍCULAS WA E GA

As partículas gramaticais (*joshi*) têm a função de estabelecer relações entre nocionais dentro das orações, como, por exemplo, os substantivos. De acordo com Morita (2007 apud MUKAI, 2014), elas podem ser classificadas em seis subcategorias gramaticais da língua japonesa moderna, que são: *kakujoshi* (partículas de caso), *fukujoshi* (partículas modalizadoras de restrição), *kakarijoshi* (partículas modalizadoras de ênfase), *shûjoshi* (partículas finais),

*heiritsu joshi* (partículas de justaposição) e *setsuzoku joshi* (partículas conjuntivas).<sup>3</sup>

As partículas que serão estudadas neste trabalho serão *wa* e *ga*, que pertencem, respectivamente, às subcategorias: *kakarijoshi* [partículas modalizadoras de ênfase] e *kakujoshi* [partículas de caso], as quais trataremos brevemente para meios de contextualização.

A partícula *wa* possui duas funções principais: a função de indicar tópico da frase e a função de contraste. Ambas as funções da partícula *wa* podem ocorrer de forma ambígua em uma frase que não apresente um contexto fora dela. Sobre essas funções, vide exemplos:

a) Função de tópico:

(2) 空は青いです。

Sora wa aoi desu. [O céu é azul.] (exemplo nosso)

(3) 花の命は短い。

Hana no inochi wa mijikai. [A vida das flores é curta.] (MORITA, 2007 apud MUKAI, 2009, p. 78)

b) Função de contra/ste (NODA, 1996 apud MUKAI, 2009, p. 84):

兄は肉が好きだが、弟は魚が好きだ。

Ani wa niku ga suki da ga, otôto wa sakana ga sukida. [O irmão mais velho gosta de carne, mas o irmão mais novo gosta de peixe.]

(4) 天気はいいけど、風は冷たい。

Tenki wa ii kedo, kaze wa tsumetai. [O tempo está bom, mas o vento está gelado.]

---

<sup>3</sup>As partículas que pertencem a categoria chamada *kakujoshi* (partículas de caso) determinam apenas as funções sintáticas dos sintagmas nominais a que se ligam (FUKASAWA et al., 2001, p. 34). (...) *fukujoshi* (partícula de limitação) – que acrescenta um valor conotativo a determinados elementos (FUKASAWA et al., 2001, p. 61)“ (apud MUKAI, 2009, p. 103 e p. 185). “(...) *Kakarijoshi* (...) as partículas dessa categoria não marcam o caso gramatical, mas acrescentam um valor semântico a determinados sintagmas.” (MUKAI, 2014, p. 27). “(...) *shûjoshi* [partículas de justaposição] (*to, ya, ka, toka, yara, tari, etc.*) *setsuzoku joshi* [partículas conjuntivas] (*te, ba, to, temo, shi, kara, node, noni, nagara, etc.*)” (MUKAI, 2014, p. 25).

Já as funções principais da partícula *ga*, segundo Noda (1996 apud MUKAI 2009), no âmbito de sua natureza sintática, são: indicar o sujeito da oração e objeto direto.

a) Partícula *ga* como indicador de sujeito:

(5) 田中さんがジュースを飲みました。(exemplo nosso)

*Tanaka-san ga juusu o nomimashita.*

(*Tanaka-san ga* = Tanaka [sujeito]; *juusu o* = suco [objeto direto]; *nomimashita* = verbo beber [predicado])

Tanaka bebeu suco.

b) Partícula *ga* como indicador de objeto direto:

(6) 私は田中さんが好きです。(exemplo nosso)

*Watashi wa Tanaka-san ga suki desu.*

(*Watashi wa* = Eu [sujeito/tópico]; *Tanaka-san ga* = Tanaka [objeto direto]; *suki desu* = gostar/ ser gostável [predicado].)

Quanto a isso, Shirai (2019) sustenta que suas funções, quando demonstradas como marcador de sujeito da oração, apresentadas por Kuno (1973 apud SHIRAI, 2019), são as de descrição neutra e lista exaustiva. Nos exemplos, o autor demonstra que, diversas vezes, pode ter casos em que as funções de *ga* em algumas sentenças podem ser interpretadas tanto com a função de descrição neutra, quanto com a função de lista exaustiva. Sobre isso, o autor apresenta os seguintes exemplos:

(7) *John ga jisatsushita*<sup>4</sup>. (SHIRAI, 2019, p. 63)

John se matou. (tradução nossa)

(8) *John ga kashikoi*.<sup>5</sup> (SHIRAI, 2019, p. 64)

<sup>4</sup>Originalmente transcrito como: “*John ga zisatusita*.”, seguindo o sistema de romanização *kunrei*, porém para melhor compreensão, mudamos para o sistema *hepburn*, o qual é mais utilizado no ensino de língua japonesa no Brasil.

<sup>5</sup>Mesma situação do exemplo anterior, no original do autor ele escreve: “*John ga kasikoi*.”

‘(De todas as pessoas dentro da discussão) John (e apenas John) é inteligente’, ou grosseiramente, ‘é John que é inteligente.’ (tradução nossa)

Sobre os exemplos apresentados, o autor explica que o exemplo (7) pode ser interpretado como descrição neutra, por estar apenas relatando um fato ocorrido, enquanto que no exemplo (8) é demonstrada a função de lista exaustiva. Além disso, algumas sentenças podem ser interpretadas de forma ambígua, a exemplo de (1) que pode ser tratado tanto como descrição neutra como lista exaustiva, o que vai determinar a sua função exata será o contexto apresentado. Acredito que caso o contexto fosse apresentado de forma que perguntando quem foi a pessoa que se matou, a sentença resposta poderia ser interpretada como um exemplo de lista exaustiva.

Em contrapartida, o autor explica que o exemplo (9) não pode ser uma sentença ambígua, pois: “(...) alguns tipos de predicado não permitem uma mera interpretação descritiva para a oração.” (SHIRAI, 2019, p. 64), e essa restrição foi o que o autor chamou de ‘restrição de descrição neutra’ (*neutral-description constraint*). Para isso, observe os seguintes exemplos apresentados por Shirai (tradução nossa):

(9) *Sora wa aoi.*  
Céu azul.  
“O céu é (geralmente) azul.”

(10) *A, sora ga akai.*  
vermelho  
“Veja! O céu está vermelho.”

No exemplo (9) é apresentada uma ideia de um estado de permanência, enquanto no exemplo (10) é mostrado um estado temporário do céu. No caso de (9), o ator aponta que caso troquemos a partícula *wa* por *ga*, vamos obter uma interpretação de lista exaustiva:

(11) *Sora ga aoi.* (SHIRAI, 2019, p. 64)  
“O céu que é (geralmente) azul.”

Utilizando a estrutura de ‘indivíduos’ e ‘estágios’, proposta por Carlson (1978), o autor propõe: “Para que uma frase, cujo sujeito esteja marcado com *ga*, seja interpretada como uma descrição neutra, sua frase-predicado deve ser aplicada às etapas” (SHIRAI, 1981a apud SHIRAI, 2019, p. 65) (tradução nossa)<sup>6</sup>

Ele explica que os predicados serão divididos em dois tipos, variando de como se aplicam aos próprios indivíduos ou aos seus estados/ estágios. Shirai acredita que os predicados que designam um estado permanente estão tratando do indivíduo em si e não podem ter a designação de descrição neutra, em referência aos exemplos (8) e (11). O predicado baseado no indivíduo em si, o autor chama de propriedade “*mono*” (*mono-property*)<sup>7</sup>.

Para demonstrar esta propriedade *mono*, o autor comenta sobre um episódio que ele viveu no metrô próximo à universidade em que ele estudava na época, ele vê alguns desenhos feitos por crianças de, aproximadamente, 5 ou 6 anos. Sobre esses desenhos, o autor comenta que em todos eles as crianças pintaram o céu de azul e o sol de vermelho, o que o não o deixa surpreso (por se tratar de um costume comum no Japão).

Então ele acredita que se tratava quase como uma norma entre essas crianças e pensando nisso o autor exemplifica:

(12) *Sora wa aoi (mono-da).*

Céu azul

“O céu é (necessariamente) azul.” (tradução nossa)

(13) *Taiyou akai (mono-da).*

Sol vermelho

“O sol é (necessariamente) vermelho.” (tradução nossa)

Shirai faz uma relação interessante com o folclorista japonês H. Araki (1980): “(...) Araki insiste que *mono*, o qual pode ser traduzido como: ‘indivíduo’,

---

<sup>6</sup>Texto original: “For a sentence whose subject is marked with *ga* to be interpreted as a neutral description, its predicate-phrase is required to apply to stages.”

<sup>7</sup>A palavra “*mono*” utilizada pelo autor é parte da expressão “*mono da*” que pode ser utilizada ao fim de sentenças para marcar um estado de algo ou um fato.

é, para nós japoneses, não apenas uma entidade objetiva, mas que isso corresponde a um princípio fundamental ou lei de nossa tradição cultural”.<sup>8</sup> (tradução nossa)

O autor demonstra como Araki acredita que os japoneses têm uma tendência de depender de um conceito “*mono*”, e que essa tendência se mostra de forma verbal no dia a dia.

### 2.3 ANÁLISE DE ERROS

Sobre a análise de erros, Corder (The significance of learners' errors, 1967) identifica que existem duas escolas que tratam a respeito dos erros dos aprendizes:

Primeiramente, a escola que sustenta que, se quiséssemos alcançar um método de ensino perfeito, os erros nunca seriam cometidos em primeiro lugar e, portanto, a ocorrência de erros é apenas um sinal da atual inadequação de nossas técnicas de ensino. A filosofia da segunda escola é que vivemos em um mundo imperfeito e, conseqüentemente, erros sempre ocorrerão, apesar de nossos melhores esforços. Nossa engenhosidade deve se concentrar em técnicas para lidar com os erros depois que eles ocorreram.<sup>9</sup> (CORDER, 1967, p. 20) (tradução nossa)

Corder (1967) também argumenta sobre a utilidade da distinção entre aquisição e aprendizado e sobre a possibilidade de que tal assunto possa ser tratado em um estudo mais aprofundado, fazendo referência a Lambert e Carroll (1966 apud CORDER, 1967). O autor aponta que a aquisição da língua materna de um indivíduo ocorre de forma inevitável e que isso não ocorre durante o aprendizado de uma LE e ele acrescenta que, normalmente, isso ocorre pois o aprendizado de línguas acontece, geralmente, depois do período de amadurecimento do indivíduo, onde a aquisição da língua materna ocorreu juntamente com a maturação.

---

<sup>8</sup>Texto original: “Araki insists that *mono*, which may be translated as ‘individual’, is, to us Japanese, not merely an objective entity, but that it corresponds to a fundamental principle or law of our cultural tradition.”

<sup>9</sup>Texto original: “Firstly the school which maintains that if we were to achieve a perfect teaching method the errors would never be committed in the first place, and therefore the occurrence of errors is merely a sign of the present inadequacy of our teaching techniques. The philosophy of the second school is that we live in an imperfect world and consequently errors will always occur in spite of our best efforts. Our ingenuity should be concentrated on techniques of dealing with errors after they have occurred.”

Corder (1967) argumenta que tal distinção é de suma importância para o desenvolvimento de uma hipótese para o ensino de línguas estrangeiras, pois a primeira hipótese, a qual ele chama de behaviorista, considera que pode ser aplicada em ambas as situações, tanto numa situação de aquisição quanto numa situação de aprendizado.

Ele afirma que, segundo H. E. Palmer (1922 apud CORDER, 1967): “todos nós somos capazes de adquirir uma língua e que nossa capacidade continua latente mesmo após aquisição da primeira língua. Um adulto foi visto tão capaz quanto uma criança para adquirir uma língua estrangeira”.

Enquanto isso, Corder considera que, o que vai diferenciar mais as duas operações será a presença ou a ausência de motivação, sendo que a criança, durante seu processo de aquisição da primeira língua, vai estar preenchendo uma predisposição para desenvolver um comportamento linguístico, enquanto que o aprendiz de LE irá substituir essa predisposição por outra “força” (provavelmente a motivação para aprender aquela língua-alvo).

Ele aponta que observando crianças (por volta de 2 anos), elas reproduzem frases como “*this mummy chair*” (esta cadeira de mamãe) e não é considerado um erro, mas sim uma parte do desenvolvimento infantil. Corder considera que aquilo fornece uma evidência do “estado” do desenvolvimento linguístico em que a criança se encontra.

Sobre isso, Brown e Frazer (1964 apud CORDER, 1967) consideram que, a melhor forma de perceber que crianças possuem regras de construção é observar a ocorrência de *erros sistemáticos* (grifo do autor), pois, quando vemos crianças falando corretamente, muito provavelmente, quer dizer que ela ouviu aquela frase específica e está apenas a repetindo, e não construindo suas próprias sentenças.

Entrando na discussão dos equívocos cometidos pelos alunos no decorrer de seu aprendizado, Corder considera que é de suma importância a distinção entre erros sistemáticos (equívocos recorrentes em razão de alguma incompreensão do aluno durante seu aprendizado) e não-sistemáticos (equívocos ocorridos de forma não recorrente, podendo ser ocasionado por falta de atenção, por exemplo), pois, segundo Miller:

Seria sem sentido estabelecer regras para cometer desvios (*mistakes*). Será útil, portanto, que daqui em diante se referir a erros de desempenho como *mistakes*, reservando o termo erro (*error*) para se referir a erros sistemáticos do aprendiz a partir dos quais podemos reconstruir seu conhecimento do idioma até o momento, ou seja, sua competência de transição (*transitional competence*)<sup>10</sup>. (tradução nossa) (MILLER, 1966 apud CORDER, 1967, p. 25)

Em suma, ele conclui que: “[...] a posse do aprendiz de sua língua nativa é facilitadora e os erros não devem ser considerados como sinais de inibição, mas simplesmente como evidência de suas estratégias de aprendizagem” (CORDER, 1967, p. 27).

Em contrapartida, Francisco Quaresma (2015), considera que comumente podemos perceber “erros de interferência” ou de “transferência” que são basicamente equívocos cometidos pelos alunos quando sua língua materna (L1) acaba por interferir na aquisição de sua língua-alvo (L2).

Sobre isso, ele considera processos apontados por Lott (1983), Faerch e Kasper (1984) que podem acabar causando essa *interferência* (grifo do autor):

1. Extensão por analogia: o indivíduo usa indevidamente um vocábulo porque este compartilha traços – sejam fonológicos, ortográficos, semânticos ou sintáticos - com um vocábulo da L1.
  - a) Extensão semântica de um vocábulo da língua portuguesa [...].
  - b) Semelhança ortográfica e/ ou fonológica com a L1 [...].
  - c) Apoio no sistema gráfico da L1 [...].
  - d) Apoio no sistema fonético/fonológico e gráfico da L1 [...]
2. Não distinção lexical na L1, em relação à L2: outra estratégia usada pelos alunos é recorrer ao dicionário quando não conhecem o significado de uma palavra estrangeira. Geralmente, consultam um dicionário bilíngue com o intuito de encontrar a tradução para tal palavra. Porém, poucos são os dicionários bilíngues (por exemplo, Harland, 1989) que trazem algum tipo de contexto no qual a tradução é usada e, apesar de os dicionários geralmente listarem a maioria das palavras em uma única entrada lexical, essas palavras, em diferentes

---

<sup>10</sup>Texto original: “It would be meaningless to state rules for making mistakes. It will be useful therefore hereafter to refer to errors of performance as *mistakes*, reserving the term *error* to refer to the systematic errors of the learner from which we are able to reconstruct his knowledge of the language to date, i.e. his *transitional competence*.” (grifos do autor)

contextos, assumem significação diferente. [...] (apud QUARESMA, 2015, p. 57-61)

Ele apresenta algumas categorias desses erros que podemos levar em consideração para a seguinte pesquisa, como por exemplo: erros intralinguais, os resultantes da aprendizagem de uma língua-alvo que não refletem a influência da L1 do indivíduo; erros ambíguos, que são semelhantes aos produzidos por crianças que adquirem a língua-alvo como L1, assim como os "erros únicos", que são produzidos *unicamente* (grifo do autor) por aprendizes de L2, sem, contudo, refletirem a influência da L1 e erros induzidos, que são erros que não derivam de uma consequência do aluno, mas sim de uma forma inadequada de ensino.

Sobre estes erros, o autor comenta sobre algumas situações que esses erros podem ocasionar aos alunos no decorrer de seu aprendizado, e como eles podem ser observados, como por exemplo: erros que afetam pouco a comunicação, erros que causam certa irritação e erros que impedem a comunicação.

Tratando do último caso, Francisco Quaresma, explica que esses erros vão afetar a organização geral de sentenças, impedindo o aluno de se comunicar utilizando a L2. Ele aponta que por estes erros atrapalharem a compreensão da mensagem em sua globalidade, são denominados erros globais e incluem: ordem errada dos constituintes principais de uma sentença; conectivos ausentes, errados ou em posição indevida; ausência de termos exigidos em uma determinada construção sintática; não observância na restrição do emprego de certos itens lexicais. Ele então conclui: "Resumindo, os erros globais são aqueles que causam problemas sintáticos ou semânticos, ocasionando, portanto, a não compreensão da mensagem" (QUARESMA, 2015, p. 113).

## **2.4 INTERLÍNGUA**

Durante a década de 70 surgiu um novo conceito na área da linguística aplicada, o qual é denominado: interlíngua. O conceito foi apresentado inicialmente por Selinker (1972). É a ideia de que os aprendizes de uma LE acabam por desenvolver um novo sistema intermediário entre sua língua materna e sua língua-alvo.

Selinker acredita que é importante a distinção entre uma perspectiva de ensinamento e uma perspectiva de aprendizagem. Em que a perspectiva de ensino é descrita como uma metodologia a ser seguida pelo professor com o objetivo de ajudar o aluno a alcançar o aprendizado na língua. E a perspectiva de aprendizado é baseada na tentativa de aprender a segunda língua, com sucesso ou não.

Ele coloca em pauta três objetos relevantes para o estudo, que são:

- 1) expressões na L1 do aprendiz;
- 2) expressões da interlíngua produzidas pelo aprendiz;
- 3) expressões da L2 produzidas por nativos daquela língua.

Com esses três objetos em pauta, Selinker (1972) aponta (grifo e tradução nossa):

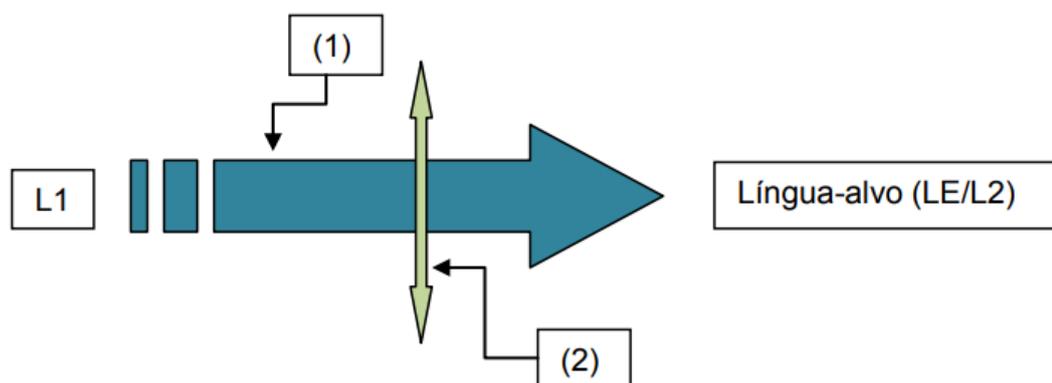
Estabelecendo esses três conjuntos dentro de um quadro teórico e reunindo enunciados de dados relacionados a estruturas linguísticas específicas em cada um desses três sistemas: (sob as mesmas condições experimentais, se possível), o pesquisador na área da psicologia da aprendizagem de uma segunda língua pode começar a estudar os processos psicolinguísticos que estabelecem o conhecimento que fundamenta o comportamento de interlíngua (IL). Eu gostaria de sugerir que existem **cinco processos centrais** (e talvez alguns outros menores), e que eles existem na estrutura psicológica latente mencionada acima. Considero os seguintes processos centrais para a aprendizagem de uma segunda língua: primeiro, **transferência de idioma**; segundo, **transferência de treinamento**; terceiro, as **estratégias de aprendizagem de uma segunda língua**; quarto, **estratégias de comunicação da segunda linguagem**; e quinto, **supergeneralização do material linguístico da língua-alvo (LA)**. Cada uma das previsões do analista quanto à forma de enunciados interlinguísticos deve ser associada a um ou mais destes, ou outros, processos.<sup>11</sup> (SELINKER, 1972, p. 35-36)

---

<sup>11</sup>Texto original: "By setting up these three sets of utterances within one theoretical framework, and by gathering as data utterances related to specific linguistic structures in each of these three systems (under the same experimental conditions, if possible) the investigator in the psychology of second language learning can begin to study the psycholinguistic processes which establish the knowledge which underlies IL behavior. I would like to suggest that there are five central processes (and perhaps some additional minor ones), and that they exist in the latent psychological structure referred to above. I consider the following to be processes *central* to second language learning; first, *language transfer*; second, *transfer of training*; third, *strategies of second language learning*; fourth, *strategies of second language communication*; and fifth, *overgeneralization of TL linguistic material*. Each of the analyst's predictions as to the shape of IL utterances should be associated with one or more of these, or other, processes." (grifo do autor)

Mukai (2009) apresenta então uma imagem sobre o processo de aprendizagem, considerando a visão de Selinker, e aponta que a interlíngua se refere ao (1) sistema linguístico inteiro como um sistema contínuo, ou ao (2) sistema linguístico de um aprendiz em “um momento” do processo de aprendizagem. Segue a imagem:

FIGURA 1 -Interlíngua



Mukai (2009, p. 22)

Selinker (1972) aponta que algumas das estratégias dos alunos são provavelmente ligadas à cultura até certo ponto. Um exemplo de uma *estratégia de aprendizado de segunda língua* (grifo do autor), apontada por Selinker, é uma tendência dos aprendizes de reduzir a língua-alvo a um sistema mais simples.

Ele também afirma que “não se pode duvidar que várias das estratégias internas por parte do aprendiz da segunda língua afetam, em grande parte, a estrutura superficial das sentenças subjacentes aos enunciados da interlíngua” (tradução nossa) (SELINKER, 1972, p. 39).

Coulter (1968 apud SELINKER, 1972, p. 40) aponta uma situação ocorrida em uma turma de inglês como língua alvo, onde os alunos aparentaram evitar algumas estruturas gramaticais, como: artigos, plural e pretérito. Ele afirma que essa tendência pode acabar por ser o resultado de uma estratégia de simplificação em que os alunos aparentam se sentir receosos quando pensavam em processos gramaticais, tornando suas falas hesitantes e desconectadas fazendo com que os falantes nativos fiquem impacientes com eles.

### 2.4.1 FOSSILIZAÇÃO

Após citar os cinco processos centrais (cf. seção 2.4), Selinker (1972) introduz a noção de fossilização, que o autor define como um tipo de mecanismo que ele assume existir na estrutura psicológica onde nossa aprendizagem de línguas é desenvolvida. Sobre isso ele aponta (tradução e grifos nossos):

O fenômeno da fossilização trata de itens linguísticos, regras e subsistemas que os falantes nativos de uma determinada língua **tendem a manter em sua interlíngua em relação a uma língua-alvo em particular**, não importando a idade do aluno ou a quantidade de explicação e instrução que ele recebe nela. [...] É importante notar que estruturas fossilizáveis **tendem a permanecer com um desempenho potencial**, reemergindo no desempenho produtivo de uma interlíngua, mesmo quando aparentemente erradicadas<sup>12</sup>. (SELINKER, 1972, p. 36)

Trabalhando sobre os cinco processos centrais da estrutura psicológica latente dos aprendizes de uma LE, Selinker (1972, p. 37) retoma os processos centrais para defini-los e relacioná-los com o conceito de fossilização apresentado por ele (grifo do autor e tradução nossa):

- Se pode ser demonstrado experimentalmente que itens fossilizáveis, regras e subsistemas que ocorrem **no desempenho interlínguas são resultado da língua nativa**, então estamos lidando com o processo de ***transferência de linguagem***;
- Se esses itens fossilizáveis, regras e subsistemas são um **resultado de itens identificáveis em procedimentos de treinamento**, então estamos lidando com o processo conhecido como ***transferência de treinamento***;
- Se eles são **resultado de uma abordagem identificável do aprendiz para o material a ser aprendido**, então estamos lidando com ***estratégias de aprendizado de segunda língua***;

---

<sup>12</sup>Texto original: "Fossilizable linguistic phenomena are linguistic items, rules, and subsystems which speakers of a particular NL will tend to keep in their IL relative to a particular TL, no matter what the age of the learner or amount of explanation and instruction he receives in the TL. [...] It is important to note that Fossilizable structures tend to remain as potential performance, re-emerging in the productive performance of an IL even when seemingly eradicated."

- Se eles são **resultado de uma abordagem identificável pelo aluno para a comunicação com falantes nativos da língua-alvo**, então estamos lidando com **estratégias comunicativas da segunda língua**;
- Se eles são o **resultado de uma clara supergeneralização das regras da língua-alvo e características semânticas**, então estamos lidando com a *supergeneralização do material linguístico da língua-alvo*.<sup>13</sup>

O autor explica que as combinações desses processos citados anteriormente, podem vir a produzir algo que podemos chamar de **competência de interlíngua fossilizada** (grifo nosso).

Uma das estratégias de aprendizado de segunda língua apresentada pelo autor é uma tendência dos aprendizes de reduzir a L2 a um sistema mais simples, como citado anteriormente (cf. seção 2.4). Mas Coulter (1968 apud SELINKER, 1972) atribui essa simplificação a uma estratégia de comunicação devido à experiência passada do falante que lhe mostrou que se pensar demais em processos gramaticais ao tentar se expressar em inglês, seu discurso virá a ser hesitante e desconexo, fazendo com que falantes nativos fiquem impacientes com ele, ou com que ele passe por uma situação vergonhosa.

Sobre o estudo de fossilização Selinker afirma (grifo nosso):

Muitas estruturas linguísticas da interlíngua nunca são erradicadas para a maioria dos alunos de segunda língua; as manifestações dessas estruturas **reaparecem regularmente no desempenho produtivo da interlíngua**, especialmente sob **condições de ansiedade, mudança de atenção e desempenho de segunda língua sobre um assunto que seja novo para o aprendiz**<sup>14</sup>. (SELINKER, 1972, p. 41)

---

<sup>13</sup>Texto original: "If it can be experimentally demonstrated that fossilizable items, rules and subsystems that occur in IL performance are a result of the NL, then we are dealing with the process of *language transfer*; if these fossilizable items, rules and subsystems are a result of identifiable items in training procedures, then we are dealing with the process known as *transfer of training*; if they are the result of an identifiable approach by the learner to the material to be learned, then we are dealing with *strategies of second language learning*; if they are the result of a identifiable approach by the learner to communication with native speakers of the TL, then we are dealing with *strategies of second language communication*; and finally, if they are the result of a clear overgeneralization of the TL rules and semantic features, then we are dealing with the overgeneralization of the TL linguistic material." (grifos do autor).

<sup>14</sup>Texto original: "Many IL linguistic structures are *never* really eradicated for most second language learners; manifestations of these structures regularly reappear in IL productive

Selinker conclui seu pensamento sobre fossilização questionando (tradução e grifo nossos):

[...] como podemos sistematizar a noção de fossilização para que, a partir da base de construções teóricas, possamos prever quais itens em que as situações interlinguais serão fossilizadas? [...] A principal justificativa que se tem para escrever sobre o construto de 'fossilização', neste estágio de conhecimento, é que **o conhecimento descritivo sobre interlínguas, que acaba por sugerir previsões verificáveis em situações de desempenho significativo, que leva a uma coleta sistemática dos dados relevantes** [...] <sup>15</sup>. (SELINKER, 1972, p. 42-43).

O qual ele sugere que o tema possa ser mais estudado tanto na área de ensino de línguas quanto na área da psicologia da aprendizagem, necessitando de um construto sobre o conceito de 'fossilização' para que uma teoria futura da área da psicologia seja desenvolvida.

---

performance, especially under conditions of anxiety, shifting attention, and second language performance on subject matter which is new to the learner." (grifo do autor)

<sup>15</sup>Texto original: "[...] how can we systematize the notion *fossilization* so that from the basis of theoretical constructs, we can predict which items in which interlingual situations will be fossilized? [...] The major justification one has for writing about the construct 'fossilization', at this stage of knowledge, is that descriptive knowledge about ILs which turns out to suggest predictions verifiable in meaningful performance situations, leads to a systematic collection of the relevant data [...]." (grifo do autor).

### 3 METODOLOGIA

No capítulo anterior foram delineados os princípios teóricos que sustentam a presente pesquisa e, como foi informado na introdução deste trabalho, temos por objetivo geral: analisar desacertos cometidos por aprendizes brasileiros de língua japonesa no emprego de partículas *wa* e *ga*, observando as percepções dos participantes a respeito das funções e sentidos das partículas em questão. E objetivos específicos: analisar desacertos no emprego das partículas *wa* e *ga* no nível de frase e discurso e averiguar as percepções dos participantes a respeito das funções e sentidos que as partículas em questão desempenham.

Neste capítulo trabalharemos a metodologia utilizada para coleta e análise de dados.

#### 3.1 MÉTODOS E NATUREZA DA PESQUISA

O presente Trabalho de Conclusão de Curso se trata de uma pesquisa de método qualitativo, especificadamente, de um estudo de caso descritivo-explicativo (PAIVA, 2019), o qual iremos descrever os equívocos cometidos pelos participantes e, ao mesmo tempo, explicar o porquê de eles ocorrerem. O objetivo deste tipo de pesquisa para a autora é, principalmente, um estudo de caso que não apenas descreve um fenômeno, mas tenta compreender causas e efeitos

A modalidade de estudo de caso será a mais adequada para os fins da presente pesquisa, pois, segundo Paiva: “Estudo de caso é um tipo de pesquisa que **investiga um caso particular constituído de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos em um contexto específico.**” (PAIVA, 2019, p. 65) (grifo nosso):

Sabendo disso, acreditamos que nossa pesquisa se encaixaria em um estudo de caso, pois analisaríamos a situação específica dos alunos de Letras-Japonês em seu próprio ambiente de estudos.

#### 3.2 CONTEXTO DE PESQUISA

O curso de Letras Japonês da Universidade de Brasília (UnB) foi estabelecido no ano de 1997, e é voltado para a formação de professores na

área de japonês. Atualmente, o ingresso ao curso pode ser feita por alguns mecanismos disponibilizados diretamente pela própria universidade, como pelo vestibular ou integrar como segunda graduação de forma interna, ou por meios disponibilizados pelo governo como o Sistema de Seleção Unificada (SiSU), o qual os alunos que prestam o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), exame que é liberado para qualquer aluno no terceiro ano do ensino médio ou adultos já formados. Além do SiSU, a UnB e o Cebraspe (Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos), disponibilizam o Processo Seletivo de Avaliação Seriada (PAS), prova seriada aplicada durante os 3 anos do ensino médio, o qual apenas alunos do ensino médio podem participar.

Ingressados no curso, é considerado que os alunos nunca tenham entrado em contato com a língua japonesa, pois pode haver alunos que não tenham conhecimento prévio da língua, passando assim pela introdução ao estudo da língua japonesa com bases teóricas no âmbito da linguística.

Por fim, é previsto que o curso tenha uma duração de 9 semestres, ou seja, 4 anos e meio.

### **3.3 PARTICIPANTES**

Nós selecionamos nossos participantes com base no conteúdo que é aplicado durante o curso de Letras – Japonês na UnB. Foram escolhidos os alunos de nível intermediário do curso, ou seja, alunos que se encontravam a partir do quinto semestre durante o semestre 2/2021 (segundo semestre de 2021) no início ano de 2022<sup>16</sup>.

Selecionamos alguns voluntários de cada turma para obter uma pesquisa ampla e com confiabilidade, podendo assim, verificar se os objetivos de nossa pesquisa se repetem nos participantes. Foram escolhidos alunos das turmas de nível intermediário porque, em teoria, esses alunos devem ter sido apresentados

---

<sup>16</sup>Em decorrência da pandemia causada pelo surto do Corona Vírus, causador da doença: Covid-19, inicialmente foi estabelecido um período de 15 dias de suspensão das atividades tanto acadêmicas, como administrativas. Porém com a preocupação na preservação da saúde da comunidade acadêmica, foi decidida a suspensão do calendário acadêmico referente ao primeiro semestre de 2020 (1/2020), sendo retomado, de forma remota (*online*), no dia 17 de agosto de 2020, continuando com o semestre 1/2020, a retomada das atividades foi regulamentada pela Resolução n. 59/2020, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), seguindo o Plano Geral de Retomada das Atividades da Universidade de Brasília (CEPE, 2020).

a todas as funções básicas das partículas *wa* e *ga* (cf. MUKAI, 2014, apêndice B, p. 193).

Os participantes são alunos brasileiros, os quais possuem o português como língua materna, têm entre 20 a 28 anos e a maioria não possui certificado de proficiência na língua japonesa, *Japanese Language Proficiency Test – JLPT*.

Aplicamos o teste de preenchimento de partículas e o questionário aberto, que foram encaminhados por e-mail a, aproximadamente<sup>17</sup>, trinta (30) alunos, o qual obtivemos treze (13) respostas ao formulário. E, posteriormente, selecionamos cinco (5) que se encaixavam melhor em nosso grupo focal<sup>18</sup> para seguirmos para a entrevista (quanto aos critérios para escolha, vide seção 3.4.3). Informações referentes aos participantes da pesquisa se encontram no quadro abaixo:

Quadro 1 – Detalhes dos participantes

Pseudônimo	Pronome de tratamento	Idade	Semestre em curso	Certificado JLPT
Himitsu	Ele	24	10º	Não
P1	Ele	23	6º	Não
Noir	Ela	22	10º	N3
P2	Ela	20	5º	Não
Charizard	Ele	28	6º	Não

### 3.4 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Para nossa coleta de dados escolhemos três instrumentos principais, o teste de preenchimento de partículas, o questionário aberto e a entrevista semiestruturada.

<sup>17</sup>Os e-mails foram inicialmente encaminhados a cinco (5) professores da área de Letras-Japonês que, no momento da presente pesquisa, estavam ministrando aulas para alunos a partir do quinto semestre, para que pudessem encaminhar aos seus respectivos alunos. Posteriormente, foi enviado um e-mail diretamente para onze (11) alunos, e-mails destes foram disponibilizados pela professora das matérias de Japonês 7 e Metodologia da Língua Japonesa.

<sup>18</sup>Entrevistas com grupo focal trata de um método de pesquisa qualitativa (estuda aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano), a qual busca um grupo com especificações voltadas ao foco da pesquisa, que cumprem com os pré-requisitos apresentados no início desta seção.

O teste de preenchimento de partículas possui dez questões em nível de frase e cinco questões em nível de discurso, com lacunas onde se encontrariam as partículas referentes à cada situação, os voluntários irão escrever logo abaixo da frase qual partícula deve ser utilizada em cada lacuna, respectivamente.

Um questionário com perguntas abertas (onde não há categorias preestabelecidas e os participantes podem responder de forma espontânea), para entender melhor o conhecimento dos alunos a respeito das definições e funções das partículas *wa* e *ga*.

Além do teste e questionário, também foi trabalhada uma entrevista semiestruturada que foi aplicada após a coleta de dados do teste e do questionário.

### 3.4.1 TESTE DE PREENCHIMENTO DE PARTÍCULAS

Após o levantamento dos participantes (cf. seção 3.3), foi aplicado o teste de preenchimento de partículas que foi dividido em duas partes, ambas para completar lacunas com partículas da língua japonesa., sendo a primeira trabalhada em nível de frase e a segunda em nível de discurso. Os exemplos das frases foram criados baseados no livro: “*Wa* e *ga*: as partículas gramaticais da língua japonesa” (MUKAI, 2014).

#### Parte 1 – Nível de Frase:

- 私( )バナナ( )好きです。( *Watashi* \_\_ *banana* \_\_ *sukidesu.* )
- 三千元( )かかる。( *Sanzen en* \_\_ *kakaru.* )
- 象( )鼻( )長いです。( *Zou* \_\_ *hana* \_\_ *nagaidesu.* )
- あっ、西の空( )まっ赤だ。( *Ah, nishi no sora* \_\_ *makkada.* )
- 電車( )遅れたために、私( )大事な会議に遅刻してしまった。( *Densha* \_\_ *okureta tame ni, watashi* \_\_ *dajjina kaigi ni chikoku shite shimatta.* )
- 私( )作ったケーキ( )これです。( *Watashi* \_\_ *tsukutta kēki* \_\_ *koredesu.* )

- 二百本( ) 売れない。 (*Ni hyappon \_\_ urenai.*)
- 日本( )季節( )四つあります。 (*Nihon \_\_ kishetsu \_\_ yottsu arimasu.*)
- アルゼンチン( ) 1年のうちで1月( )いちばん暑いです。 (*Aruzenchin \_\_ ichinen no uchi de ichigatsu \_\_ ichiban atsuidesu.*)
- バスよりタクシーの方( )早いですか。 (*Basu yori takushî no hou \_\_ hayaidesu ka.*)

## Parte 2 – Nível de Discurso:

- A: 子供たち( )いないね。 B: 子供たち( )今むこうでカレーを作ってるよ。 (*A: Kodomo-tachi \_\_ inai ne. B: Kodomo-tachi \_\_ ima mukou de karê o tsukutteru yo.*)
- A: その本( )誰( )読んだの。 B: その本( )太郎( )読んだ。 (*A: Sono hon \_\_ dare \_\_ yonda no. B: Sono hon \_\_ Tarô \_\_ yonda.*)
- A: 誰が学生ですか。 B: 太郎( )学生です。 (*A: Dare ga gakuseidesu ka. B: Tarô \_\_ gakuseidesu.*)
- A: 子供たち( )何をしているの? B: 子供たち( )カレー( )作っているけど、ごはん( )炊いていないよ。 (*A: Kodomo-tachi \_\_ nani o shite iru no? B: Kodomo-tachi \_\_ karê \_\_ tsukutte irukedo, gohan \_\_ taite inai yo.*)
- A: ご兄弟は肉が好きですか。 B: 兄( )肉( )好きだが、弟( )魚( )好きだ。 (*A: Go kyôdai wa niku ga sukidesu ka. B: Ani \_\_ niku \_\_ sukida ga, otôto \_\_ sakana \_\_ sukida.*)

O teste de preenchimento de partículas foi aplicado, juntamente com o questionário aberto (cf. seção 3.4.2), de forma *online* no sistema *Google Forms*, plataforma em formato nuvem da empresa *Google*.

### 3.4.2 QUESTIONÁRIO ABERTO

No questionário aberto foi trabalhado o conhecimento geral dos participantes em relação às partículas *wa* e *ga*, seguem as perguntas abaixo:

#### Parte 3 – Definições:

- Para você, quais funções e sentidos a partícula *wa* teria? Poderia explicar dando alguns exemplos?
- Por que você acha que o *wa* possui essas funções e sentidos? Com que influência você raciocinou assim? Pode descrever? (Ex. explicação do professor, livro didático do curso, dicionário, escola anterior etc.)
- Para você, quais funções e sentidos a partícula *ga* teria? Poderia explicar dando alguns exemplos?
- Por que você acha que o *ga* possui essas funções e sentidos? Com que influência você raciocinou assim? Pode descrever? (Ex. explicação do professor, livro didático do curso, dicionário, escola anterior etc.)

As questões têm por objetivo conhecer as funções que os alunos conhecem e aprenderam durante o curso de Letras – Japonês, visando analisar todos os desvios cometidos pelos participantes no processo de preenchimento do questionário

O questionário foi aplicado de forma *online* no sistema *Google Forms*, plataforma em formato nuvem da empresa *Google*, durante o semestre 2021/2 da UnB, entre os dias sete (7) a dezoito (18) de março de 2022.

### **3.4.3 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM GRUPO FOCAL**

O método de entrevista foi escolhido para que pudéssemos ter uma abordagem mais direta nos “erros” dos participantes, para assim, analisarmos os pontos de cada um deles sobre o uso das partículas.

Após as etapas do TPP e QA concluídas, foram selecionados e convidados para uma entrevista aqueles que cometeram mais equívocos no uso de partículas em suas repostas, as entrevistas ocorreram de forma remota entre os dias 28 de março e primeiro de abril. Ou seja, para complementação da pesquisa, foi solicitado que os alunos do grupo focal selecionado se submetessem a uma entrevista individual, onde suas respostas ao teste foram analisadas por participante e entrevistador, visando analisar o porquê de o participante ter respondido de tal maneira cada questão.

Como explicado anteriormente (cf. seção 3.3), os participantes foram selecionados com base no currículo apresentado pela instituição de ensino, onde, em teoria, os alunos provavelmente já foram apresentados aos usos de *wa* e *ga*. Com os participantes que mais cometeram erros no teste e questionário, pedimos para que traduzissem e justificassem os usos de tais partículas, pois assim podemos analisar as possíveis influências da língua materna do aluno no momento da escrita.

Com as respostas dos voluntários em mãos, foi levantada quais questões tinham uma margem de acerto menor, e com estas questões selecionadas, as perguntas da entrevista foram levantadas.

Em cima de cada questão de nível de frase/ discurso foram trabalhadas duas perguntas:

- a) Por que você utilizou esta partícula?
- b) Como você traduziria esta frase?

### **3.5 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS**

Tendo em mente nossos objetivos da pesquisa, juntamente com uma fundamentação teórica bem trabalhada, foi possível com que consigamos preparar nossas questões para o teste de partículas e as perguntas para as entrevistas.

O TPP e o QA foram aplicados pelo sistema de formulários *Google Forms*, entre os dias sete (7) a dezoito (18) de março de 2022, o qual obtivemos treze (13) respostas que eram compatíveis com nosso tema e nosso público-alvo da pesquisa.

Após a aplicação do teste e questionário, selecionamos cinco dos voluntários que cometeram mais equívocos no preenchimento das partículas e os convidamos para participar da entrevista entre os dias vinte e oito (28) de março e primeiro de abril de forma online, utilizando a plataforma *Google Meet*.

### **3.6 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS**

Concluída nossa coleta de dados, foi feita uma análise minuciosa entre as respostas dos participantes e o material didático trabalhado em sala de aula da UnB no período cursado dos participantes do estudo.

- 1) Primeiramente, sistematizamos as respostas do TPP, dadas pelos participantes, fazendo uma tabela de acertos e desacertos, tendo como base os exemplos utilizados por Mukai (2009);
- 2) E analisamos as respostas do teste, focando onde (e o que) os participantes erraram mais, para que possamos deduzir o seguinte: qual função ou sentido de *wa* e *ga* os participantes teriam mais dificuldade;
- 3) Analisamos as respostas do questionário aberto, organizando as percepções dos participantes a respeito das funções e sentidos de *wa* e *ga*;
- 4) Averiguamos na entrevista individual, o porquê de os participantes terem respondido de tal maneira cada questão no teste e questionário.
- 5) Realizamos a triangulação dos dados (PAIVA, 2019), coletados com o TPP, QA e ES.

Para a análise de dados foi utilizado o método de triangulação (PAIVA, 2019), visando a corroborar e complementar resultados obtidos com diferentes técnicas e instrumentos de pesquisa (teste, questionário e entrevista) para aumentar assim a validade e a credibilidade das inferências.

Nós iniciamos e concluímos nossa pesquisa seguindo uma perspectiva ética (FETTERMAN, 2010), compreendendo sempre que os participantes podem ou não cometer equívocos durante seu processo de aprendizagem, e não os discriminando por isso.

### **3.7 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS**

Procuramos manter também, a ética em nossa pesquisa, mantendo informações de nossos participantes em anonimato e garantindo que todas as suas respostas não serão adulteradas em nenhum momento e evitando sempre uma postura de juízo de valor, julgamentos e posturas etnocêntricas, conforme Fetterman (2010) nos alerta, como princípios fundantes da pesquisa em ciências sociais e humanas.

Foi anexado ao questionário o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice A), e também foi esclarecido aos participantes quais eram os objetivos da presente pesquisa, juntamente informando que suas identidades seriam mantidas em sigilo e seus nomes substituídos por pseudônimos.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, vamos organizar os dados conforme cada pergunta de pesquisa:

- a) Qual função/sentido de *wa* e *ga* no nível de frase e discurso os participantes têm mais dificuldade?
- b) Quais são as percepções dos participantes a respeito das funções e sentidos que as partículas em questão desempenham?

### 4.1 USOS DESVIANTES DE WA E GA

No presente capítulo serão apresentadas as questões com menor índice de “acertos”<sup>19</sup> dentro das questões de preenchimento de partículas, tanto em nível de frase, quanto em nível de discurso. Questões as quais também foram trabalhadas durante a entrevista semiestruturada.

#### 4.1.1 NO NÍVEL DE FRASE

As questões selecionadas foram as questões de número: dois, quatro e sete, as quais tiveram, respectivamente: 15,38%, 53,84% e 23,07% de acertos<sup>20</sup>.

Sobre cada questão apresentada no decorrer da entrevista os participantes apresentaram seus pontos, para argumentar do porquê de utilizarem tal partícula, em sequência apresento algumas das respostas dos voluntários que responderam com partículas diferentes das quais seriam consideradas mais “corretas” ou mais naturais (grifo nosso):

#### 2.<sup>21</sup> 三千元(は)かかる。(Sanzen en wa kakaru.)

- (1) Eu usei o *ga* porque pra mim a **partícula *ga*, além de topicalizar, ela caracteriza alguma coisa**, e foi por isso que eu utilizei. (ES<sup>22</sup>, P2)
- (2) Eu acho que porque é o **foco central da frase**, é como **se fosse o sujeito**, né. (se referindo à partícula *ga*) (ES, Charizard)
- (3) Usei *ga* por causa do verbo *kakaru* (ES, Noir)

<sup>19</sup>Levando em consideração o material de Mukai (2009).

<sup>20</sup>As demais questões obtiveram as seguintes porcentagens de acertos: (1) 92,30%, (3) 57,69%, (5) 69,23%, (6) 65,38%, (8) 61,53%, (9) 57,69%, (10) 76,93%.

<sup>21</sup>Numeração referente aos números das questões no TPP.

<sup>22</sup>ES – Sigla de entrevista semiaberta.

- (4) Num geral mesmo, algumas eu marquei sem ter certeza se estava correta, eu coloquei o *wo* porque, como o *kakaru* é gastar, e está gastando dinheiro, eu **interpretei como uma ação, por isso coloquei o wo.** (ES, P1)

#### 4. あっ、西の空(が)まっ赤だ。 (**A, nishi no sora ga makkada.**)

- (5) Foquei muito nesse *nishi no sora* como um local, ai de cara eu achei que poderia **ser o ni, porque eu pensei num local.** Mas depois que eu prestei mais atenção no *makka da* eu fiquei um pouco na dúvida, mas deixei por causa do *nishi no sora*. (ES, Himitsu)
- (6) Eu acho que o *wa*, nesse caso, **ele é o assunto que está sendo falado**, tipo, eu estou fazendo um comentário sobre esse assunto, 'falando sobre o céu, ele está vermelho'. (ES, Charizard)
- (7) Não sei, **pra topicalizar** talvez? Como tá falando do céu... fiquei em dúvida com o *ga*. (participante usou a partícula *wa* mas estava na dúvida entre *wa* e *ga*) (ES, Noir)

#### 7. 二百本(は)売れない。 (**Ni hyappon wa urenai.**)

- (8) Eu usei o *ga* porque, sendo sincera, não teve muito motivo eu apenas achei que caberia ali. (ES, P2)
- (9) Usei o *wo* porque ele está **marcando o objeto direto** da frase. (ES, Charizard)
- (10) Inicialmente usei o *ga*, porque é de capacidade, mas agora que analisei melhor, a **frase está na negativa**, então acho que o *wa* seria o correto. (ES, Noir)
- (11) Coloquei porque o *urenai* é vender, né? E, digamos que, eu interpretei que 'não vendem muito bem', **como se fosse o sujeito**, por isso coloquei o *ga*. (ES, P1)

E também como os participantes traduziriam cada sentença que foi trabalhada durante a entrevista semiestruturada:

#### 2. 三千円(は)かかる。 (**Sanzen en wa kakaru.**)

- (12) Custa 3 mil ien/Algo custa 3 mil ien. (ES, P2)
- (13) Custou 3 mil *en*. (ES, Himitsu)
- (14) Receber/ganhar/adquirir 3 mil ienes. (ES, Charizard)
- (15) Custa 3000 ienes. (ES, Noir)
- (16) Gastar 3 mil ienes. (ES, P1)

**4. あっ、西の空(が)まっ赤だ。 (*Ah, nishi no sora ga makkada.*)**

- (17) Ah, o céu do oeste ta meio vermelho/ avermelhado (tipo pôr do sol) (ES, Himitsu)  
 (18) O céu do oeste estava vermelho. (ES, Charizard)  
 (19) Ah, o céu está bem vermelho. (ES, Noir)  
 (20) O céu do ocidente é vermelho. (ES, P1)  
 (21) Ah, o céu ta muito vermelho/bem vermelho. (ES, P2)

**7. 二百本(は) 売れない。 (*Ni hyappon wa urenai.*)**

- (22) Não consigo vender 200 pockets. (ES, P2)  
 (23) Eu não vendi 200. (ES, Charizard)  
 (24) 200 (livros/garrafas/etc) não puderam ser vendidos. (ES, Noir)  
 (25) Não vendem muito bem/ Não vendem. (ES, P1)  
 (26) Não vendeu 200 (coisas). (ES, Himitsu)

Foi possível perceber ao questionar cada participante sobre o porquê de cada resposta utilizada, que alguns conceitos relacionados às partículas *wa* e *ga* tendem a serem trocadas com alguma frequência no decorrer das respostas. .

#### **4.1.2 NO NÍVEL DE DISCURSO**

As questões em nível de discurso apresentavam um pouco a mais de contexto do que na seção que tratava do nível de frase, o que parece ter auxiliado os voluntários, já que as questões em nível de discurso foram as questões com maiores porcentagens de acerto.

Tal fato pode ter seu resultado, pois o discurso que ali estava inserido, acabava por tirar a ambiguidade que poderia vir ocorrer no nível de frase. Porém, mesmo com a porcentagem de acertos sendo um pouco maior, ainda foi possível notar a dificuldade de alguns alunos em duas questões, a questão de número um (1) (com 50% de acerto) e a questão de número quatro (4) (com 48% de acerto)<sup>23</sup> (grifo nosso):

---

<sup>23</sup>As demais questões obtiveram as seguintes porcentagens de acertos: (2) 55,76%, (3) 69,23%, (5) 90,38%.

1. A: 子供たち (が) いないね。 B: 子供たち (は) 今  
むこうでカレーを作ってるよ。

(A: *Kodomo-tachi ga inai ne.* B: *Kodomo-tachi wa  
ima mukou de karê o tsukutteru yo.*)

(27) Essa eu fiz um pouco mais consciente, não que eu esteja certo, mas quando eu vejo essa estrutura eu **sempre costumo variar do wa pro ga depois**, eu coloco em uma o wa e o ga na outra, não tenho muita certeza porque eu faço isso, mas eu faço às vezes. Normalmente eu faço com mais frequência quando tem wa e ga na mesma frase, pode ser que eu tenha me confundido e julgado isso tudo como uma frase só. Mas não tenho certeza, pode ser só que eu quisesse variar. (participante utilizou wa seguido de ga) (ES, Himitsu)

(28) O wa usei como tópico, né, 'sobre as crianças, elas não estão'. O ga eu usei, porque considerei os **kodomotachi fossem o sujeito**, e aí como eles estão fazendo o curry, eu interpretei que era uma ação dos *kodomotachi*. (participante utilizou wa seguido de ga) (ES, P1)

(29) Usei o ga porque é o verbo **imasu/arimasu e pede o ga (existência)**, mas de novo, agora que to prestando mais atenção, tá na negativa, então acho que wa seria mais correto, talvez. E o wa pra **topicalizar** eu acho. (participante utilizou ga seguido de wa) (ES, Noir)

(30) Eu usei o ga, na primeira [pessoa A], porque, novamente, eles não estão ali, as crianças, no caso. **Então eu achei que caberia melhor o ga ali, porque eles tão fazendo alguma coisa e não estão ali**. E na segunda [pessoa B], eu não sei bem, mas quando eu tava resolvendo o forms, pra mim parecia que o wa ia caber melhor, porque ele tava querendo **topicalizar as crianças**, deixando claro o que as crianças estão fazendo. (participante utilizou ga seguido de wa) (ES, P1)

(31) Eu tenho por hábito, quando é uma frase negativa, usar o wa, mas nesse caso, eu não acho que há uma diferença assim, eu penso que a **primeira frase é na negativa e a segunda uma afirmação**, por isso usei o ga na segunda. (ES, Charizard)

4. A: 子供たち (は) 何をしているの? B: 子供たち (は) カ  
レー (は) 作っているけど, ごはん (は) 炊いていないよ。

(A: *Kodomo-tachi wa nani o shite iru no?*                      B: *Kodomo-tachi wa karê wa tsukutte irukedo, gohan wa taite inai yo.*)

- (32)[sobre pessoa A] No *kodomotachi wa*, normalmente eu costumo por o *wa* né, se não tem mais de uma opção, que nem a B que tem várias opções, quando tem só uma e estou entre *wa* e *ga* eu costumo sempre por o *wa*. [sobre pessoa B] Esse foi o mais consciente que eu fiz, como eu disse no anterior [referente a pergunta do interlocutor A desta questão], eu sempre costumo colocar *wa* e *ga* assim nessa ordem mesmo. Geralmente eu coloco o **wa pra marcar o sujeito**, principalmente se ele é uma pessoa, e se é duas pessoas na situação eu tento ver qual é a que tá fazendo uma ação sobre a outra pessoa, **uma pessoa que está fazendo uma ação sobre outra pessoa eu considero o sujeito e coloco o wa**. (participante usou, respectivamente, as partículas: *wa, wa, ga, wo*) (ES, Himitsu)
- (33)Acho que na primeira frase caberia tanto o *wa* quanto o *ga*, mas eu **coloquei o ga por causa do shiteiru**, tipo, ‘o que eles estão fazendo?’, e aí o *ga* ta atribuindo o **sujeito aos kodomotachi**. E na segunda eu coloquei o *wa*, justamente porque eu fiquei na dúvida entre *ga* e *wa*, eu coloquei um em cada no que eu achei que combinaria. O que eu mais tenho certeza é o **wo, porque é uma ação, na última talvez caberia o wo também**, mas, acho que eu **coloquei o wa pra mostrar que é uma ação diferente**. (participante usou, respectivamente, as partículas: *ga, wa, wo, wa*) (ES, P1)
- (34)**Usei o wa pra topicalizar na primeira frase**, o *wo* porque **kare é o objeto direto** e é o que está sendo feito. Usei o *ga* porque já usei o *wa*, que topicalizou a frase... Porém analisando agora, novamente é negativa na segunda, então acho que seria **wa na segunda e ga na primeira do B**. (participante usou, respectivamente, as partículas: *wa, wa, wo, ga*) (ES, Noir)
- (35)Eu usei o *ga* nessa primeira, (risada) foi mais pelo *feeling* mesmo, porque eu não tenho muita noção, mas foi mais por isso. No caso da B eu lembro de ter pensado ‘**ah, eles tão fazendo alguma coisa, então eu acho que o ga cabe melhor aqui**’, embora eles tivessem fazendo uma coisa na outra também, por algum motivo o *ga* nesse parece que caberia melhor, **só por ele estar desempenhando alguma ação**. Eu usei o *wo* que foi só porque, recentemente eu aprendi sobre **verbo transitivo e intransitivo, e o wo cabe ali**, então foi por isso, mas não sei se to certa. (participante usou, respectivamente, as partículas: *ga, ga, wo, wo*) (ES, P2)
- (36)Eu usei na primeira: ‘*kodomotachi wa*’ e na segunda ‘*kodomotachi wa*’ porque eu **acho que é o tópico, que eu estou fazendo um comentário a respeito do tópico**, que são as crianças. E a respeito do **wo, é porque é o objeto direto que está marcando**, né? (participante usou, respectivamente, as partículas: *wa, wa, wo, wo*) (ES, Charizard)

A questão de número quatro (4) foi uma questão em que nenhum dos participantes preencheu as quatro lacunas da mesma forma que o exemplo apresentado por Noda (1996 apud MUKAI, 2009), onde é demonstrada a função de indicar contraste da partícula *wa*. Possivelmente, por não ser o tipo de sentença que seria comumente trabalhada em sala de aula.

## 4.2 PERCEPÇÕES A RESPEITO DAS FUNÇÕES E SENTIDOS DE *WA* E *GA*

Os participantes demonstram ter um conhecimento geral dos usos mais comuns, tanto da partícula *wa* quanto da partícula *ga*. Porém, também é perceptível que algumas “sentenças padrão” são memorizadas pelos participantes de um modo geral, ou, como proposto por Selinker (1972), pode se tratar de um tipo de fossilização da interlíngua, onde os aprendizes do japonês como LE tratam algumas sentenças padrão como algo imutável, onde as partículas devem ser usadas de uma única forma.

Observando as respostas de todos os participantes dos questionários, pude perceber algumas funções das partículas que os participantes, aparentemente, possuem mais dificuldade, com base na porcentagem de acertos<sup>24</sup>, sendo elas:

- a) A função de limitação/sentido negativo da partícula *WA* (questões 2 e 7 de nível de frase);
- b) A função de tópico com função anafórica/retomada de assunto da partícula *WA* (questão 1 de nível de discurso);
- c) A função de *genshōbun*/estado temporário da partícula *GA* (questão 4 de nível de frase);
- d) A função de introdução de assunto da partícula *GA* (questão 1 de nível de discurso A).

Alguns participantes sentem dificuldade em diferenciar os usos distintos entre as partículas *wa* e *ga*, como podemos perceber no relato de Noir em seu questionário aberto (grifo nosso):

(37)Diferenciar o uso da partícula *ga* da *wa* é uma coisa que tive bastante dificuldade por muito tempo, novamente, **não tive uma explicação muito clara disso quando aprendi sobre**. Meus professores costumavam falar coisas como: **‘É melhor decorar em que situação se usa uma ou outra’**, mas nunca foi muito claro. Alguns

---

<sup>24</sup>Tendo os acertos com base nas questões desenvolvidas com base em Mukai (2009) (cf. apêndice B), porém, as questões podem ter várias interpretações dependendo do contexto que estão inseridas.

verbos, como o *suki*, pedem o uso dessa partícula, mas não acho que saberia explicar muito bem o porquê de ela funcionar dessa forma.

E também no relato de Himitsu, que marca tanto a partícula *ga* quanto *wa* como marcadoras de tópico:

(38) **As mesmas do WA**, só que **dando mais ênfase** a coisa antes do *ga*. (QA<sup>25</sup>, Himitsu)

Mesmo que os voluntários aparentem conhecer as funções básicas das partículas *wa* e *ga*, ainda é possível notar que podem vir a ocorrer “trocas” entre as funções de uma e outra, como vimos no relato de Himitsu, e que foi possível observar em algumas respostas ao TPP.

### 4.3 PERCEPÇÕES SOBRE WA

Todos os participantes entrevistados parecem compreender bem que a partícula *wa* tem como função principal a marcação do tópico da frase, como seguem abaixo (grifos nossos):

(39) **WA**, serve para marcar **um tópico** [...]. (QA, Himitsu)

(40) Em minha experiência como estudante, sempre me foi dito que a **partícula ‘WA’**, **marca o tópico da frase**. Acredito que possa ser do que eu estou falando, **o ponto principal da frase**. (QA, Noir)

(41) Na minha concepção, **a partícula WA serve para topicalizar**, ou colocar em específico **quem está sendo o tópico da conversa**. (QA, P2)

(42) Para **abordar tópico/assunto**, para **ênfatizar uma diferença/ ou comparação dentro do assunto**, **sem necessariamente contradizer** [...] **WA e GA se confundem bastante e podem ser intercambiáveis**, então dá para ordenar a frase de forma que o assunto já dominado pelos falantes seja usado com *WA* marcando os sujeitos, na frase eu coloquei *GA* no primeiro sujeito porque embora tenha

---

<sup>25</sup>QA – Sigla de questionário aberto.

perguntado pelos irmãos, **só seria obvio que de quem estava falando na segunda frase.** (se referindo a questão 5 de nível de discurso) [...]. (QA, P1)

Dentro das percepções expostas pelos próprios, podemos observar que em algumas situações, a L1 pode ter uma influência na forma como os participantes compreendem a partícula *wa*, como podemos observar na percepção de Charizard (grifo nosso):

(43)O que sempre nos dizem durante as aulas é que **WA é a partícula marcadora de tópico**, que aqui interpreto como o **assunto do qual o locutor está falando**. Como na frase: わたしはブラジルじんです。Que ao pé da letra ficaria 'em se tratando de mim, sou brasileiro' ou até 'falando de mim, sou brasileiro'.[...] provável que a partícula **WA não tenha uma correspondente imediata no português, sendo mais natural traduções como 'eu sou brasileiro'**. Para mim, na prática **o WA funciona como um verbo de ligação 'ser'**. (QA, Charizard)

A função de marcadora de tópico é uma das funções da partícula *wa* que mais é trabalhada em sala de aula, e fica claro que é uma das funções que os participantes mais dominam, apesar de os confundir por ser algo que não existe um referencial na língua portuguesa.

#### 4.4 PERCEPÇÕES SOBRE GA

Em sua maioria, os participantes compreendem bem o uso da partícula *ga* com função de marcador de sujeito, e também a percebem como marcadora de ênfase, entre outras (grifo nosso):

(44)Ela serve para **indicar o sujeito da frase**, quando este realiza uma ação, [...] tem **uma característica ou preferência por algo**, [...] e como **marcação de oração adversativa** [...]. (QA, P1)

(45)Acredito que a partícula が<sup>s</sup> serve para **dar ênfase em outra parte da frase**, ou **introduzir uma nova informação**. Bem como alguns verbos pedem o uso da partícula. (QA, Noir)

(46)Na minha concepção a partícula が, é uma partícula utilizada para **dizer quem está executando a ação**. (QA, P2)

Podemos notar novamente a influência da L1 na L2 do participante Charizard (grifo nosso):

(47)Na universidade, o que me disseram sobre **o が** é que ele marca sujeito, também acredito que **o が** tenha função de verbo de ligação: 'ser'. Pesquisando mais a respeito em fóruns na internet me foi explicado que **o が** marca um tema mais específico, mais fechado dentro de uma frase. Enquanto que o は marca um tópico mais abrangente, **o が** semanticamente marca um tópico mais reduzido. Na prática é difícil notar essas nuances, na minha mente os dois parecem iguais. Em muitas frases já presenciei o は sendo usado como sujeito, o que torna a explicação do が como sujeito mais confusa. Na própria frase citada anteriormente わたしは/が ブラジル人です, acredito que o uso do が e は é indiscriminado [...]. (QA, Charizard)

É perceptível que as funções da partícula *ga* para os participantes, em sua grande maioria, é focada na função de marcadora de sujeito, juntamente com alguns usos fixos, como acompanhados a algum verbo ou adjetivo por exemplo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, iremos retornar as perguntas as quais este trabalho se propôs a responder. Em sequência serão apresentadas as limitações que encontramos durante a pesquisa. E, por fim, concluiremos com sugestões para pesquisas futuras.

### 5.1 RETOMADA PERGUNTAS DE PESQUISA

As seguintes perguntas que guiaram nosso trabalho:

- a) Qual função/sentido de *wa* e *ga* no nível de frase e discurso os participantes têm mais dificuldade?
- b) Quais são as percepções dos participantes a respeito das funções e sentidos que as partículas em questão desempenham?

Durante minha graduação em Letras-Japonês na UnB, pude observar que algumas funções das partículas são trabalhadas mais no decorrer do curso, enquanto outras são apenas citadas ou pouco trabalhadas.

Tendo a oportunidade de, efetivamente, pesquisar sobre as experiências de outros estudantes, juntamente com suas percepções dos usos principais das partículas *wa* e *ga*, pude perceber que não se tratava de algo que havia ocorrido apenas comigo e meus colegas de classe, mas se trata de uma situação geral do curso como um todo

Com as respostas de todos os participantes do teste de preenchimento de partícula e do questionário aberto, percebemos algumas das funções nas quais os participantes, aparentemente, possuem mais dificuldade, sendo elas:

- a) a função de limitação/sentido negativo da partícula *WA*;
- b) a função de tópico com função anafórica/retomada de assunto da partícula *WA*;
- c) a função de *genshōbun*/estado temporário da partícula *GA*;
- d) a função de introdução de assunto da partícula *GA*.

Alguns participantes sentem dificuldade em diferenciar os usos distintos entre as partículas *wa* e *ga*. Tanto pelas respostas no questionário aberto, quanto

na entrevista, foi possível notar que em grande parte dos participantes, eles também parecem não conhecer algumas funções das partículas, como por exemplo: *wa* de contraste, *ga* como marcador de objeto direto, entre outras.

Convém lembrar que, como na questão de número quatro (4), do teste de preenchimento de partículas, a qual a participante Noir atribui a partícula *wa* para tratar de um tópico, porém, por se tratar de uma situação “temporária”, a partícula *ga* poderia ser a melhor opção, já que o céu apenas estaria vermelho naquele momento, ou seja, não é uma característica “padrão” dele. P1 utiliza a partícula *ga* (na referida questão), porém ele define seu uso como se o vermelho fosse uma característica do céu, e não como uma situação temporária.

Obviamente que não seria viável, de nenhuma forma, apresentar todos os usos possíveis das partículas, juntamente com todas as traduções que elas podem ter dentro de uma situação.

Porém, acredito que algumas formas de se apresentar as funções das partículas podem vir a gerar uma fossilização de um conceito para alguns estudantes, como apresentar uma estrutura fixa, onde apenas substantivos e verbos são substituídos.

Como muitas funções são explicadas utilizando estruturas fixas, onde os alunos são aconselhados a “decorar” essas funções nessas estruturas específicas, o que os leva a depender de tradutores e dicionários para compreender o que significam, e não entendem as flexões que podem ter. A língua não é um estágio fixo, a língua é fluida e sempre pode ter diversas formas de se utilizar.

A influência da língua materna sob a língua-alvo é um assunto de muito interessante ao qual eu quero retomar futuramente para colaborar com temas e métodos de ensino futuros.

## **5.2 LIMITAÇÕES DESTA PESQUISA**

Um dos maiores obstáculos que tive no decorrer da pesquisa foi em decorrência do tempo que era bem curto para poder aprofundar mais nas análises, principalmente para analisar até que ponto a L1 pode ter interferência com o aprendizado de uma LA.

Outra limitação, pode-se dizer que foi a falta de contato direto com os participantes em decorrência da pandemia. Acredito que faz uma grande

diferença fazer as entrevistas e o contato com os participantes de forma presencial. Mesmo que possa ter sido menos proveitoso do que poderia ser de forma presencial, foi por um motivo de saúde pública.

### **5.3 SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS**

Sugiro que sejam realizadas mais pesquisas sobre métodos “engessados” de ensino de línguas, para que sejam desenvolvidas mais metodologias flexíveis para gerações futuras.

Juntamente, efetivar mais pesquisas para verificar outras situações que a língua materna possui influência nesses equívocos, por meio da explicação dada pelos próprios participantes durante o processo. Principalmente na área de Letras-Japonês, onde podem ser feitos estudos na área de Linguística Aplicada voltadas a este tema.

## REFERÊNCIAS

- CEPE. Resolução n. Nº 0059/2020, em 23 de mar. de 2020. **Boletim de Atos Oficiais da UnB**, Brasília, DF, 23 Março 2020.
- CORDER, S. P. The significance of learners' errors. In: GMBH, W. D. G. **IRAL - International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**. Heidelberg: [s.n.], v. V, 1967. Cap. 4.
- FETTERMAN, D. M. APPLIED SOCIAL RESEARCH METHODS SERIES. **Ethnography step-by-step/ David M. Fetterman**, Thousand Oaks, California, v. VII, n. 3, 2010.
- MUKAI, Yuki. **A interlíngua dos aprendizes brasileiros de língua japonesa como LE, com enfoque no uso das partículas wa e ga**. Campinas/SP, 2009, 262 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2009.
- MUKAI, Y. **Wa E Ga - As Partículas Gramaticais Da Língua Japonesa**. Campinas, SP: Pontes Editores, v. IV, 2014.
- PAIVA, V. L. M. D. O. **Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.
- QUARESMA, F. **Aprendendo com os erros: uma perspectiva comunicativa de ensino de línguas**. 3. ed. Goiânia: UFG, v. 1, 2015.
- SCS - MÍDIAS ONLINE. Site USP. **Língua, Literatura e Cultura Japonesa**. Disponível em:  
<<https://sites.usp.br/ppgllcj/historico/#:~:text=Aprovado%20em%201995%2C%20o%20Programa,contexto%20de%20nossa%20realidade%20cultural>>.
- SELINKER, L. Interlanguage. In: VERLAG, J. G. **IRAL - International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**. Heidelberg: [s.n.], v. X, 1972. Cap. 3.
- SHIRAI, K.-I. Japanese Noun-phrases and Particles wa and ga. **Foundations of pragmatics and lexical semantics**, Berlin, Boston, v. Volume 7 de Groningen-Amsterdam Studies in Semantics, n. reimpressão, p. 63-80, 2019.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Língua, Literatura e Cultura Japonesa**. Disponível em:  
<<https://sites.usp.br/ppgllcj/historico/#:~:text=Aprovado%20em%201995%2C%20o%20Programa,contexto%20de%20nossa%20realidade%20cultural>>.

20o%20Programa,contexto%20de%20nossa%20realidade%20cultural>.

Acesso em: 09 Maio 2022.

WEB-JAPAN. **Japan Fact Sheet**, 2004. Disponível em: <<https://web-japan.org/factsheet/>>. Acesso em: 09 maio 2022.

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO/ FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO

### TERMO DE CONSENTIMENTO/ FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO

Eu, Sandy Lemos, estudante do curso de Letras Japonês da UnB, em primeiro lugar, gostaria de agradecer por sua colaboração e participação nesta pesquisa. Informo que os resultados obtidos neste questionário e narrativa escrita serão utilizados apenas para uso exclusivo da minha pesquisa. Todas as informações fornecidas por você serão feitas de forma anônima, ou seja, seu nome não será revelado. A coleta de dados será realizada por meio de 3 etapas principais, a primeira e a segunda serão apresentadas algumas sentenças para completar as lacunas com partículas da língua japonesa, com e o total de 15 sentenças. Já a terceira e última parte deste questionário, serão trabalhadas algumas perguntas abertas sobre seu conhecimento geral sobre de as partículas. Após o questionário, pode ser que você seja convidado a participar de uma entrevista para trabalharmos melhor suas respostas. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco e é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do meu e-mail: **sandy.lemos@outlook.com**. Mais uma vez, agradeço por sua colaboração.

\* Informo que qualquer informação postada neste formulário, será reproduzida de forma anônima, sendo assim, seu nome verdadeiro não será revelado (tampouco sua matrícula ou e-mail).

1. E-mail \*

---

---

2. Você concorda com o termo de consentimento apresentado anteriormente?

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

3. Nome verdadeiro \*

---

4. Nome fictício \*

---

5. Idade \*

---

6. Como gostaria de ser tratado? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Ela

Ele

Outro:

---

7. Matrícula \*

---

8. Semestre de Ingresso na UnB \*

---

9. Semestre atual (Ex.: Semestre 5/ 5º Semestre) \*

---

10. Duração e local de estudo de japonês. (Se estuda em casa, quantas horas estuda por dia) \*

---

11. Possui certificado de proficiência em língua japonesa? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

12. Se sim, qual nível?

---

13. Já esteve no Japão? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

Se sim, por favor, informe o motivo e a duração da estadia.

---

---

**APÊNDICE B – TESTE DE PREENCHIMENTO DE PARTÍCULAS****Parte 1 - Nível de Frase**

Favor escrever as partículas que devem ser utilizadas em cada lacuna, respectivamente.

1. 私( )バナナ( )好きです。(Watashi \_\_ banana \_\_ sukidesu.)

---

---

2. 三千円( )かかる。(Sanzen en \_\_ kakaru.)

---

---

3. 象( )鼻( )長いです。(Zou \_\_ hana \_\_ nagaidesu.)

---

---

4. あっ、西の空( )まっ赤だ。(Aa, nishi no sora \_\_ makkada.)

---

---

5. 電車( )遅れたために、私( )大事な会議に遅刻してしまった。(Densha \_\_ okureta tame ni, watashi \_\_ daijina kaigi ni chikoku shiteshimatta.)

---

---

6. 私( )作ったケーキ( )これです。(Watashi \_\_ tsukutta kēki \_\_ koredesu.)

---

---

7. 二百本( )売れない。(Ni hyappon \_\_ urenai.)

---

---

8. 日本( )季節( )四つあります。(Nihon \_\_ kisetsu \_\_ yottsu arimasu.)

---

---

9. アルゼンチン( )1年のうちで1月( )いちばん暑いんです。(Arutzenchin\_\_  
ichinen no uchi de ichigatsu \_\_ ichiban atsuidesu.)

---

---

10. バスよりタクシーの方( )早いですか。(Basu yori takushî no hou  
\_\_ hayaidesu ka.)

---

---

## Parte 2 - Nível de Discurso

Favor escrever as partículas que devem ser utilizadas em cada lacuna,  
respectivamente.

1. A:子供たち( )いないね。 B:子供たち( )今むこうでカレーを作ってるよ。  
(A: Kodomo-tachi \_\_ inai ne. B: Kodomo-tachi \_\_ ima mukou de karêo  
tsukutteru yo.)

---

---

2. A: その本( )誰( )読んだの。 B: その本( )太郎( )読んだ。(A: Sonohon  
\_\_ dare \_\_ yonda no. B: Sono hon \_\_ Tarô \_\_ yonda.)

---

---

3. A: 誰が学生ですか。 B: 太郎( )学生です。(A: Dare ga gakuseidesu ka. B: Tarô \_\_ gakuseidesu.)

---

---

4. A: 子供たち( )何をしているの? B: 子供たち( )カレー( )作っているけど、ごはん( )炊いていないよ。(A: Kodomo-tachi \_\_ nani o shite iruno? B: Kodomo-tachi \_\_ karê \_\_ tsukutte irukedo, gohan \_\_ taite inai yo.)

---

---

5. A: ご兄弟は肉が好きですか。 B: 兄( )肉( )好きだが、弟( )魚( )好きだ。(A: Go kyôdai wa niku ga sukidesu ka. B: Ani \_\_ niku \_\_ sukida ga, otôto \_\_ sakana \_\_ sukida.)

## APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO ABERTO

### Parte 3 – Definições

1. Para você, quais funções e sentidos a partícula wa teria? Poderia explicar dando alguns exemplos? \*

---

---

---

---

---

---

2. Por que você acha que o wa possui essas funções e sentidos? Com que influência você raciocinou assim? Pode descrever? (Ex. explicação do professor, livro didático do curso, dicionário, escola anterior etc.) \*

---

---

---

---

---

---

3. Para você, quais funções e sentidos a partícula ga teria? Poderia explicar dando alguns exemplos? \*

---

---

---

---

---

4. Por que você acha que o ga possui essas funções e sentidos? Com que influência você raciocinou assim? Pode descrever? (Ex. explicação do professor, livro didático do curso, dicionário, escola anterior etc.) \*

---

---

---

---

---

---

---

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

**Google** Formulários